

**OFICINAS DE ARTE E CULTURA COM A(S) JUVENTUDE(S):
RECURSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS, SENTIMENTOS E
PERTENCIMENTOS**

Larissa Vasconcellos da Silva¹
Monica Villaça Gonçalves²
Danielle Silva dos Santos³

Resumo: Este trabalho objetiva apresentar e refletir sobre as primeiras experiências do projeto “*Juventude(s): intervenções urbanas de arte e cultura na escola*”, desenvolvido por docentes e estudantes do curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ, através da descrição de uma oficina aberta realizada em uma escola estadual de Ensino médio, que utilizou recursos artísticos e culturais, trabalhando com a temática do território em que vivem e circulam os jovens da região. Entendemos que a utilização de recursos de arte e cultura permitiram uma maior aproximação para realizarmos uma escuta sensível, estabelecendo um espaço de diálogo e de relações democráticas, e que assim o espaço da oficina foi um importante disparador para as reflexões dos jovens sobre os temas que buscamos discutir no projeto, como território, violência, direitos humanos e cidadania.

Palavras-chave: juventude(s), escola, cultura, território

APRESENTANDO...

O projeto *Juventude(s): intervenções urbanas de arte e cultura na escola* faz parte das ações desenvolvidas pelo Laboratório de Ensino, Estudos e Práticas em Políticas Públicas, Território e Sociedade e do Núcleo de Terapia Ocupacional Social do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ. Tem como objetivo geral intervir com jovens em situação de

¹ Graduanda em Terapia Ocupacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: laarivasconcellos@gmail.com

² Professora do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Contato: movillaca@hotmail.com

³ Graduanda em Terapia Ocupacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: danielle.ssantos@live.com

vulnerabilidade social a partir de oficinas de arte-cultura, buscando ampliar os repertórios educacionais para a formação em cidadania e direitos humanos. O projeto é coordenado por duas docentes do Departamento de Terapia Ocupacional e conta com a participação de 3 alunos da graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ que irão coordenar as oficinas realizadas nos diferentes equipamentos territoriais, iniciando as ações por uma escola estadual de Ensino Médio.

O projeto propõe ações que pautam dois eixos distintos, porém complementares:

(1) Juventude, Território e Violência e (2) Juventude e Direitos Humanos.

O território onde se localiza a escola e se desenvolvem as ações é o do Complexo do Alemão, Bonsucesso e adjacências.

Segundo Corrêa (2013), o Complexo do Alemão é classificado como um bairro desde 1993 e é formado por um grupo de favelas e comunidades. Ao todo são 15 favelas, sendo elas: Itararé, Joaquim de Queiróz, Mourão Filho, Nova Brasília, Morro das Palmeiras, Parque Alvorada, Relicário, Rua 1 pela Ademas, Vila Matinha, Morro do Piancó, Morro do Adeus, Morro da Baiana, Estrada do Itararé, Morro do Alemão e Armando Sodré, segundo Instituto Pereira Passos, com base em IBGE, Censo Demográfico (2010). A densidade demográfica do Complexo é classificada como uma das maiores da cidade do Rio de Janeiro, havendo uma população de 60,555 habitantes e 18,226 domicílios.



Foto: Vista do Complexo do Alemão, pelo Teleférico

É uma região que por muito tempo sofreu com a ausência do Estado, o que culminou no controle da região pelo tráfico de drogas de diferentes facções criminosas. Segundo Corrêa (2013), o território do Complexo sofreu com um alto índice de violência, causado pelos confrontos entre facções criminosas por disputas territoriais para venda de drogas, reforçando o estereótipo negativo que o espaço da favela carrega, como um lugar de violência. Ainda nessa perspectiva de um território violento, em novembro de 2010 a Polícia Militar e o Exército Brasileiro iniciaram a operação “Tropa de Elite III”, com o objetivo de “acabar com o tráfico” no território do Complexo do Alemão. Sabemos, entretanto que mesmo com a instalação das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP), esse território continua perpassado pela violência, só que agora causado pela disputa entre a Polícia Militar e as facções criminosas.

Sendo portanto esse território marcado pela violência em suas mais diversas formas de manifestação, a escola torna-se um dispositivo importante para garantia de alguns direitos e de espaços de diálogos não violentos, amenizando os conflitos territoriais dessa população jovem que a frequenta. Para a juventude, a escola e os espaços culturais constituem-se como territórios-vivos onde passam grande parte do seu dia-a-dia e com uma representação importante na cultura e na construção de identidades desse jovens. São espaços importantes na fermentação de práticas que estimulem, promovam e garantam a participação da juventude enquanto cidadão e atores políticos para essa mudança, pois podem colaborar na formulação de políticas públicas.

Assim, utilizar as criações estéticas, artísticas e culturais juvenis é uma forma de fortalecer estas potências da escola, para que ela permaneça cada vez mais um espaço de interlocução política, democrática e crítica.

Este trabalho tem como objetivo apresentar e refletir sobre as primeiras experiências do projeto na escola, descrevendo uma oficina aberta, que utilizou recursos artísticos e culturais, realizada no final do ano letivo, trabalhando com a temática do território em que vivem e circulam.

DESCREVENDO...

Dentro dos objetivos do projeto, temos:

“(1) Intervir com jovens em situação de vulnerabilidade social discutindo temas, tais como: violências urbanas, direitos humanos, cidadania, trabalho, perspectivas de futuro, políticas públicas, culturas juvenis, território; (2) Realizar oficinas de atividades de arte-cultura cujos temas perpassem tanto as discussões e reflexões quanto a produção de material artístico: fotografias, performances estético-corporais, imagens, pinturas em grafitti, elaboração de repertórios musicais, proposição de saraus de literatura, dentre outros recursos possíveis”

A primeira atividade de aproximação com os jovens da escola aconteceu através da realização de uma oficina de atividades aberta aos interessados, no pátio da escola.

Tal oficina ocorreu na última semana de aulas do período letivo, quando os alunos realizavam trabalhos para o projeto da escola chamado SAPEC - Semana de Atividades Pedagógicas e Culturais. Tal evento consiste na avaliação que contribui com o último bimestre do ano letivo, que se integram no plano pedagógico elaborado pelos professores desta unidade escolar. Essas atividades são planejadas e elaboradas pelo corpo discente com orientação do corpo docente. Os temas de cada ano são eleitos pelos alunos, professores, direção e funcionários e o escolhido no ano de 2015 foi “Os bairros da cidade do Rio de Janeiro”. Os alunos foram divididos em grupos, e cada grupo ficou encarregado de pesquisar a história, a economia, a geografia, a cultura e as personalidades de cada bairro⁴.

Assim, utilizando território como um eixo de intersecção entre a temática do SAPEC e do Projeto Juventude(s), realizamos uma oficina para trabalhar com os jovens a história de seu território. Entendendo território muito mais do que um espaço geográfico, mas sim pensando nesse conceito como os “modos pelos quais o território ganha sentido a partir de cada história pessoal” (Alarcon et al, s/d, s/p).

⁴ Informações colhidas no blog do Colégio, disponível em: <http://ceolgabenarioprestes.blogspot.com.br/2009/11/oque-e-ii-sapec.html>

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

A metodologia utilizada pela oficina foi a de disponibilizar diversos materiais para uma atividade livre no que se referia a utilização dos mesmos, mas trabalhando a temática proposta (Território).

Disponibilizamos cartazes com perguntas disparadoras para a reflexão da atividade, tais como: “Conte a história de onde você veio”; “Quem são os famosos anônimos do seu bairro”; “Cadê a arte do seu bairro?”; “O que você mais curte no seu bairro?”.



Foto: Cartazes de perguntas disparadoras da oficina

Montamos 3 grandes mesas, no pátio da escola, cada uma com um tipo de material disponível: uma com retalhos de EVA, um com diferentes materiais de sucata e outra com materiais de pintura (tintas guache, canetinhas, colas, etc), e em cada uma delas, folhas grandes de papel pardo para que os alunos utilizassem na confecção.



Foto: Mesa com materiais para a oficina

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

Aos poucos, os jovens foram se aproximando da mesa e escolhendo os materiais que lhe interessavam. Começaram tímidos, observando e questionando se a oficina e a participação seria avaliada, se valeria nota para o trabalho da escola. Fomos esclarecendo sobre o projeto, nossas propostas e objetivos. A partir daí, foram ficando mais à vontade, começaram a experimentar a atividade, e foram compondo grupos, fazendo um trabalho coletivo a partir das experiências diversas que tiveram com os territórios que escolheram.



Fotos: Grupos de jovens realizando as atividades

Apontaram aspectos positivos e negativos de cada um; pontuaram a(s) violência(s), falta de infraestrutura, mas também a arte e a música de cada bairro. Relacionaram a história do bairro, com sua própria história e de sua família, e durante a produção levantaram temas importantes do universo juvenil e que se relacionam direta ou indiretamente com a questão dos direitos humanos e cidadania juvenil, como a descriminalização/legalização das drogas, a violência da polícia e do tráfico, a ausência de direitos mínimos como moradia e saneamento, as diferentes formas de locomoção pelos espaços físicos e as dificuldades e facilidades de cada uma.

Os trabalhos realizados pelos jovens foram expostos na própria escola, em lugares escolhidos por eles. Um grupo, utilizou seu trabalho artístico como forma de protesto e de expor as condições nas quais viviam, uma vez que fizeram seu trabalho sobre uma grande favela da cidade.

XII ENECULT

ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA



Foto: Cartazes das oficinas. Em sentido horário: (1) Representação do Complexo do Alemão; (2) Arcos da Lapa; (3) Transporte público (BRT), utilizado por grande parte dos jovens na sua locomoção; (4) Outra representação do Complexo do Alemão, com reivindicações do que acham que falta no bairro.

REFLETINDO...

Pensando sobre o território...

Alarcon et al (s/d) refletem sobre a origem da palavra território, vinda do latim, unindo duas palavras ("terra" e torium) que, unidas, significam "terra pertencente a alguém". Porém, é preciso compreender que este pertencimento à que se refere a definição, nos referenciais utilizados por nós, não diz da propriedade da terra, mas sim a um sentimento de pertencimento àquele espaço:

Por pertencimento podemos entender a integração das pessoas a princípios e visões de mundo comuns, que fazem com que estas se reconheçam e se sintam participantes de um mesmo território. (ALARCON et al, s/d, s/p)

É preciso ressaltar ainda que o território é vivo, e se modifica todo o tempo. Almeida e Oliver (2001) utilizam a expressão “território-processo” para designar essa questão, afirmando que território é entendido além da superfície geográfica, mas também com “elementos que o qualificam como espaço demográfico, epidemiológico, tecnológico, econômico, social e político, inserido numa totalidade histórica na qual

diferentes sujeitos se articulam em torno de suas necessidade e interesses” (ALMEIDA, OLIVER, 2001, p.88).

Desta forma, para os jovens moradores da região onde realizamos o projeto, aquele território pode se apresentar de diferentes formas, causando diferentes sentidos e significados para cada um. Alguns preferem representar em seu trabalho, um meio de transporte, que na verdade atravessa diferentes regiões e territórios. São jovens que transitam por diferentes espaços, apesar de todas as dificuldades de mobilidade urbana, causadas tanto por questões geográfica e econômicas quanto atitudinais⁵.

Outros representam o Complexo do Alemão, onde vivem. Como já colocado anteriormente, trata-se de um território com muitas peculiaridades em sua constituição e que é perpassado pela questão da violência e privação de direitos.

Destacam o teleférico, construído em 2011⁶ que representa, em outras coisas, além de um novo meio de locomoção na região, o destaque turístico que a favela tem tido desde a sua pacificação. Valorizam a arte e os aspectos positivos do lugar onde vivem, mas não deixam de ressaltar as violências do território e reivindicar por melhorias: saúde, paz, menos corrupção, educação. Destacam no seu cartaz: “Vamos a luta”. Reconhecem aquele território como seu, sentem-se pertencente a ele, e por isso se colocam como atores importantes na construção desse espaço.

Entendemos que os recursos de arte e cultura com os jovens possibilitam uma aproximação e uma nova forma de comunicação para falar sobre questões nem sempre fáceis de serem colocadas em palavras, como por exemplo as dificuldades do território em que vivem e as violências que sofrem diariamente.

⁵ Em agosto de 2015, PMs abordaram um ônibus que partia da Zona Norte em direção à praia da Zona Sul do Rio de Janeiro. Quinze jovens, a maioria moradores da periferia do Rio. Quatorze tinham o mesmo perfil: negros e pobres. Nenhum deles portava armas ou drogas (<http://extra.globo.com/noticias/rio/pm-aborda-onibus-recolhe-adolescentes-caminho-das-praias-da-zona-sul-do-rio-17279753.html#ixzz4A91gMobV>). Tal posicionamento, aliado a mudança de linhas de ônibus da cidade suscitaram grandes discussões sobre a mobilidade urbana na cidade. Mobilidade Urbana pode ser entendida como “a capacidade dos indivíduos se moverem de um lugar para outro dentro das cidades”. Está relacionada com os deslocamentos diários (viagens) de determinada população no espaço urbano – não apenas sua efetiva ocorrência, mas também a possibilidade ou facilidade de ocorrência destas viagens (CARDOSO, 2008). Sobre esse assunto, ver: CARDOSO, 2008; GIAMBIAGI, FERREIRA, BESSERMAN, SOUTO, 2010; PERO, 2012.

⁶ Mais informações no site: <http://www.rj.gov.br/web/setrans/exibeconteudo?article-id=1400288>

Por meio da oficina, trabalhar essa temática suscitou que os jovens se colocassem no lugar de produtores de singularidades no seus territórios, uma vez que estes são processos vivos e de permanente e contínua construção e reconstrução:

“(…) É o território feito e o território se fazendo [...] É o território vivido e o território usado, pois a vida dá graça a ele e as pessoas se relacionam por meio dele. São, portanto, espaços permanentes de construção, desconstrução e reconstrução [...] onde se revelam a pluralidade, as diferenças, as singularidades e a heterogeneidade, seus poderes, suas forças, culturas e dimensões simbólicas e subjetivas. (COSTA, MENDES, 2014, P.20)”

Juventude e o enfrentamento da violência através da cultura...

Takeiti e Vicentim (2016) afirmam que

As subjetividades juvenis têm se configurado como um território-vivo (SANTOS, 2000) marcado por experiências que carregam as marcas da pobreza e de diferentes violências e violações de direitos, mas, sobretudo, de produções coletivas, criativas, formas inéditas de vida tecidas por meio de invenções estéticas e performáticas que enunciam um viver na periferia. (p.26)

Para essas autoras ainda, as expressões estéticas e artísticas tem um importante papel político ao dar visibilidade ao território e possibilitar a construção de espaços públicos coletivos nas periferias, possibilitando uma contínua e acelerada produção de subjetividades. São formas de resistir/existir num território com tantas vulnerabilidades.

Percebemos na oficina que os jovens daquela escola são engajados em diferentes coletivos culturais. Desde os jovens participantes de rodas de rima, grupos de música, grêmio escolar, até aqueles que produzem vídeos a serem divulgados na internet; durante a oficina, a arte foi o recurso que os uniu e que produziu um discurso consciente e coletivo sobre a realidade de seus territórios existenciais e simbólicos. Foi uma primeira experiência, um primeiro encontro entre os participantes do projeto e esses

jovens, mas que suscitou em desdobramentos como o trabalho com narrativas individuais de jovens e a produção de livros e memórias de cada um desses⁷.

FINALIZANDO...

No trabalho no território, técnicos são operadores sociais que devem trabalhar com base na constituição de vínculos sólidos em tempos e espaços, que só podem ser definidos na relação e mútuo conhecimento. A aproximação com esses jovens se deu nesse sentido: buscamos realizar uma escuta sensível, utilizando recursos artísticos, procurando estabelecer um espaço de diálogo e de relações democráticas, onde o saber do outro tem espaço e valor, e são as trocas entre esses diferentes saberes que permitem que a ação e as relações aconteçam.

Compreendemos, que ao fazer a atividade, foi possível trazer para o concreto reflexões e questionamentos sobre o cotidiano e as vivências de cada um dos jovens participantes. Respeitando o tempo de cada um, e as experiências que são únicas e singulares, pudemos perceber que o espaço da oficina foi um importante disparador para as reflexões dos jovens sobre os temas que buscamos discutir no projeto, como território, violência, direitos humanos e cidadania.

REFERÊNCIAS

ALARCON, S; LANCETTI, A; RAMÔA, M; PETUCO, D; PEKELMAN, R.
Território, Território existencial e Cartografia. _____, s/d.

ALMEIDA, MC; OLIVER, FC. Abordagem comunitárias e territoriais em reabilitação de pessoas com deficiência: fundamentos para a Terapia Ocupacional. In: DE CARLO, MMRO; BARTALOTTI, CC. **Terapia ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas.** São Paulo: Plexus, 2001

⁷ O projeto “Minha vida dá um livro” é um projeto de extensão também ligado ao curso de Terapia Ocupacional que objetiva realizar escuta sensível de narrativas em diferentes espaços, perpassando diferentes projetos e áreas de atuação. No projeto “Juventude(s)”, tem sido umas das ações realizadas.



CARDOSO, C. **Análise do transporte coletivo urbano sob a ótica dos riscos e carências sociais.** Tese (Doutorado em Serviço Social), PUC, São Paulo, 2008.

CORRÊA, J. S. **As representações de jovens moradores do Complexo do Alemão no Rio de Janeiro sobre a implantação das Unidades de Polícia Pacificadora – UPP.** Dissertação (Mestrado em Saúde Pública), 2013, 120 p.

COSTA, SL; MENDES,R (org). Redes Sociais Territoriais. In: _____. **Redes Sociais territoriais.** São Paulo: Fap-Unifesp, 2014. p.17-32

GIAMBIAGI, F; FERREIRA, S.; BESSERMAN,S.; SOUTO, L.A. - **O Papel do Estado, o Projeto Olímpico e a Importância do Legado** – BNDES, Rio de Janeiro, 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio**, PNAD/IBGE, Rio de Janeiro, 2001/2002 www.ibge.gov.br Acessado em Fevereiro de 2009.

PERO V.; MIHESSEN, V. **Mobilidade Urbana e Pobreza no Rio de Janeiro** - BNDES, Fomento à Pesquisa em Desenvolvimento Econômico, Rio de Janeiro, 2012.

TAKEITI, BA. , VICENTIN, MCGV. Jovens (en)cena: arte, cultura e território. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 25-37, 2016